



## LITERAMENTO: PERCURSOS ENTRE ARTE E VIDA

Fátima Wonene Soneto<sup>1</sup>  
Fidel Cá<sup>2</sup>  
Jo A-Mi<sup>3</sup>

### RESUMO

Este projeto teve por objetivo realizar uma pesquisa-intervenção de caráter narrativo, por meio de vivências interartes com leitores/as e/ou escritores/as, a fim de tensionar experiências vividas com a Literatura a partir da perspectiva do Literamento - ou seja, prática interdisciplinar crítico-reflexiva que toma a Literatura como protagonista de processos interartísticos. Para tal, constituiu-se, aqui, o entendimento de Literatura como Arte - por possibilitar ao ser humano a construção de olhares críticos sobre o mundo, atravessada e atravessando a vida das pessoas em seus percursos por meio de um tensionar com as categorias como "Autonomia", "Prática da liberdade" (FREIRE, 2002; 1967) e "Pensamento Complexo" (MORIN, 2005); e Direito Humano - pois além de nos afirmar como humanos, compõe-se como recurso inalienável e prescritivo, parte cotidiana de nossas vidas e de nossas realidades e complexidades culturais (CÂNDIDO, 2011). Metodologicamente, alicerçou-se em narrativas de percurso das pessoas participantes, engendradas a partir de encontros de formação teórico-literária e oficinas de criação literárias atravessadas por vivências interartes do cotidiano.

**Palavras-chave:** Literamento; Arte; Vida; cotidiano.

---

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB), Palmares, Discente, fsoneto03@gmail.com<sup>1</sup>

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB), Palmares, Discente, fideljorgeca@gmail.com<sup>2</sup>

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB), Palmares, Docente, joami@unilab.edu.br<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

Literatura não é uma “ferramenta” que se objetifica nas searas científicas da Linguística, tampouco é Literatura “apenas um entretenimento”. Num caminho contrário, Literatura, enquanto linguagem artística, possibilita ao ser humano a construção de olhares críticos sobre o mundo, atravessada e atravessando a vida das pessoas em seus percursos por meio de um tensionar com as categorias como “Autonomia”, “Prática da liberdade”(FREIRE, 2002; 1967) e “Pensamento Complexo” (MORIN, 2005): autonomia como “imperativo ético” no processo de construção das identidades das pessoas que vão assumindo as responsabilidades sobre os próprios processos de aprendizagem e condição humana (FREIRE, 2002); prática da liberdade como ação crítico-consciente da história social e da história de si, que, opondo-se a uma massificação de seus desejos, gostos, estéticas, sensibilidades, recria sua participação coletiva (FREIRE, 1967); e pensamento complexo que é, de acordo com Edgar Morin (2005, p.77), “um conjunto de novas concepções, de novas visões, de novas descobertas e de novas reflexões que vão se acordar, se reunir” para sacudirem a “preguiça mental” e os “metapontos de vista sobre nossa sociedade” (MORIN, 2005) que é próprio à atividade artística. Enquanto Arte, Literatura é, pois, um campo de saber a problematizar as vivências sociais que, na contemporaneidade, têm sido cada vez mais autovigilantes, anestésiantes, narcísicas e objeto de apropriações capitalísticas (isto é, conforme afirmam Félix Guattari e Suely Rolnik em “Micropolítica: cartografias do desejo” (1986,p.27): “sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo”) que consomem nossas energias vitais/éticas/morais, nossas emoções, nossas percepções, nossos caminhos estéticos (HAN, 2020).

Literatura é também um Direito Humano, que se compõe como recurso inalienável e prescritivo, parte cotidiana de nossas vidas que, como bem definiu Antônio Cândido no ensaio “O direito à literatura” (2011), exerce-se como um direito que nos afirma como humanos, que nos engendra em nossas realidades e nos complexifica como seres culturais: “(...) a Literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da Literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance” (CÂNDIDO, 2011, p.176-177).

## METODOLOGIA

Fazer pesquisa no campo das artes requer estudo aprofundado de conceitos teóricos, apropriação cuidadosa do plano metodológico a ser escolhido com inserção epistemológica que dialogue com amplas redes de expressões e manifestações - distanciando-se bastante de epistemologias que enquadram o fazer científico (não só nas Ciências Humanas e Sociais), e, por consequência, a pesquisa, em camadas de causas e efeitos; de outro modo, tomamos por referência a ciência que Edgar Morin (2005) chama de “desafio da complexidade”, ou seja, ciência como espaço-motor de pensamento multidimensional e rede de criatividade elaborada pautados por rigores metodológicos em contínuo processo de (re)criação. Assim, para vivenciar a pesquisa como intervenção dialógica entre pesquisadoras/es e interlocutoras/es, procurou-se caminhar por

pistas que partiram do “saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber” (PASSOS; BARROS, 2009, p.18). Neste sentido, o caráter artístico-crítico mencionado deu-se por meio de duas frentes: Literamento e registros de percursos das pessoas pesquisadas a partir de encontros literários remotos.

No que concerne ao conceito de Literamento pode-se dizer que “foi um conceito desenvolvido pela pesquisadora Nelza Pallu, a partir do subprojeto PIBID de Letras/Inglês, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, exercitando o “potencial da Literatura inglesa para o ensino e aprendizagem de Inglês, sob uma proposta de abordagem de integração entre campos literários, linguísticos, tecnológicos e cinematográficos” (DEAK et al., 2014, p.1978). Literamento consistiria, portanto, numa prática interdisciplinar vivenciada no contexto sócio-histórico dos/as leitores/as e em cuja abordagem integradora tem a Literatura como código protagonizador” (ALBUQUERQUE; A-MI, 2021, p.118). Assim, tomamos por base a contribuição conceitual-pedagógica de literamento para pensar e realizar: estudos teóricos e literários; a escrita partilhada de artigo de natureza científica; a produção e divulgação/apresentação de contos autorais das bolsistas envolvidas em ambientes híbridos; a discussão crítica compartilhada de textos literários dirigidos pela Coordenadora da Pesquisa em ambiente remoto com grande público (acadêmico e não-acadêmico).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Através de leituras de obras literárias e material teórico-crítico, obtivemos os seguintes resultados: construção de fichamentos críticos dos textos teóricos que referenciam a pesquisa; reuniões de orientação e apresentação dos textos fichados por meio de seminários temáticos; produção e apresentação, em salas de aulas da Unilab, de contos autorais das bolsistas envolvidas; realização de encontros literários remotos mensais com grande público interessado (acadêmico e não-acadêmico); ampliação de parceria interinstitucional, entre Unilab e UFC, por meio do evento intitulado “As palavras por dizer”: arte, escrita e testemunho”, com a professora-convidada Sarah Diva da Silva Ipiranga; produção de artigo científico submetido em periódico especializado.

## **CONCLUSÕES**

Ao longo da pesquisa lançamos mão de dois recursos metodológicos que foram primordiais para o nosso processo de aprendizagem: o primeiro, vivenciar a Literatura (empírica e teoricamente) através de processos de Literamento e escrita de contos literários; e, segundo, acolher experiências literárias por meio de relatos de percursos de pesquisandos/as através dos encontros literários vivenciados. Tais experiências metodológicas também se constituíram em experiências humanas para todas as pessoas envolvidas, fazendo da Literatura um componente ativo da vida, mais que uma “matéria’ ou “disciplina curricular”.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à Unilab pelo financiamento dessa pesquisa - através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic/Unilab) e do Programa de Bolsas de Iniciação Científico-tecnológica (BICT/Funcap). O financiamento do PIBIC/Unilab e BICT/Funcap foi fundamental para esta e outras produções científicas na universidade pública: por isto, desejamos que mais bolsas possam compor o quadro de fomento às

pesquisas nas instituições públicas de ensino. Também agradecemos a todas às pessoas que compartilharam suas jornadas literárias nos encontros de vivências literárias.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliza; A-MI, Jo. Afroliteramento: um caminho possível para a educação das relações étnico-raciais por meio da literatura infantil afro-brasileira. In: MARTINS ET AL. Ensino e pesquisa na pós-graduação: teoria, prática e práxis. Fortaleza: Eduece, 2022.

BARROS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura, In: CÂNDIDO, Antônio. Vários escritos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CÂNDIDO, Antônio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 9ª Ed, v.01. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

CLAUS, Clüver. Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos. Revista Literatura e Sociedade/USP, v.02, n.02, 1997.

FREIRE, Paulo: Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

HAN, Byung-Chul. Do desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente. Barcelona: Herder Editorial, 2020.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. p. 90-113, In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 9a ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (orgs.). Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: UFSM, 2017.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

OLINDA, Ercília Maria Braga de; ARAÚJO, Alessandra Oliveira de. Narrativas de vidas tecidas na pesquisa com jovens a partir de procedimentos individuais e coletivos (orgs.). p.231-246, In: DAMASCENO, Maria Nobre; SALES, Celecina de Maria Veras; OLIVEIRA, Nadja Rinelle. Pesquisa qualitativa: formação e experiências. Curitiba: CRV, 2016.

RANCIÈRE, J. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Ed.34, 2005.

RAJEWSKI, Irina. A fronteira em discussão: o estado problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade, In: DINIZ, Thaís; VIEIRA, André (orgs.). Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea 2. Belo Horizonte: Rona Editora/FALE-UFMG, 2012.